

**INDÚSTRIA CULTURAL E HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER:
UMA ANÁLISE DA OBRA *O DIÁRIO DE LARISSA MANOELA*, DE
LARISSA MANOELA**

*CULTURAL INDUSTRY AND WOMEN'S HYPERSEXUALIZATION:
AN ANALYSIS OF THE WORK THE DIARY OF LARISSA MANOELA,
BY LARISSA MANOELA*

Taynara Batista da SILVA¹

RESUMO: O presente artigo analisa o perfil estético da obra mais vendida para o público infantojuvenil em 2016, no Brasil, intitulada *O diário de Larissa Manoela*, de Larissa Manoela, além de compreender como a hipersexualização da mulher ocorre desde a infância. O referencial teórico ancora-se na teoria-crítica de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (1985) a respeito do conceito de Indústria Cultural. Verificou-se a atualidade deste conceito, uma vez que a obra mantém um perfil padronizado e contribui para a superficialidade no processo de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Indústria Cultural; Literatura Juvenil; Livros mais vendidos.

ABSTRACT: This article analyzes the aesthetic profile of the best-selling work for children and teenagers in 2016, in Brazil, entitled *O diário de Larissa Manoela*, by Larissa Manoela, as well as verifying how the hypersexualization of women occurs since childhood. The theoretical framework is anchored in the critical theory of Theodor W. Adorno and Max Horkheimer (1985) regarding the concept of Cultural Industry. The relevance of this concept was verified, since the work maintains a standardized profile and contributes to the superficiality in the reading process.

KEYWORDS: Cultural Industry; Youth Literature; Books best sellers; Hypersexualization of women.

¹ Mestranda em Educação, na linha de pesquisa Educação e Linguagens, pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Campus Goibeiras, Vitória, Espírito Santo, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. Licenciada em Letras com habilitação em Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES) - Campus Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo, Brasil. E-mail: taynr.b@gmail.com

1 Introdução

A definição do conceito de “Indústria cultural” foi elaborada pelos filósofos alemães Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, em 1944, no livro *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tal expressão descreve criticamente o fenômeno da cultura de massas estruturado a partir de uma ideologia dominante, demonstrando que enquanto a cultura diz respeito à experiência com produções artísticas, a indústria visa à obrigatoriedade da produção em série. Dessa forma, impõe-se um sistema hegemônico de massificação da cultura e, conseqüentemente, de todas as relações humanas, sob a lógica do capitalismo de produzir arte com o objetivo de maximizar o lucro e fragilizar a individualidade. Os autores enfatizaram que “[...] o cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 57), ou seja, a lógica da mercadoria passa a dominar a produção artística e retirar a sua capacidade de promover o esclarecimento dos sujeitos, pois a cultura torna-se refém do imediatismo.

Adorno e Horkheimer, exilados nos Estados Unidos devido ao avanço do nazifascismo na Europa, viam o decorrer de uma das catástrofes mais lascivas da história da humanidade, como também a produção seriada de cultura cada vez mais como mera mercadoria. Em contato com a sociedade norte-americana no auge do desenvolvimento das indústrias fonográficas e cinematográficas, os frankfurtianos assistiram à democracia estadunidense em evidência com tendências totalitárias que surgiam de modo velado ao transmutar produtos artísticos e culturais em métodos de manipulação das massas, na qual a cultura deixara de ser algo espontâneo para alcançar fins lucrativos e padronizar subjetividades. A imigração de Adorno e Horkheimer para os Estados Unidos elucidou o caráter autoritário dos estúdios hollywoodianos e das demais instituições responsáveis por gerar entretenimento, uma vez que tais empresas incitavam o consumismo e a busca infinita por prazer, sem preocupação com a formação cultural dos indivíduos.

A cultura industrializada para as massas objetiva tanto a padronização da dimensão ética e estética, como a domesticação da subjetividade do ser social.

Este tende a ser reduzido a mero consumidor dos produtos culturais modelados pelo sistema de produção industrial. Esse consumo não é uma escolha consciente, uma vez que em tal sistema de produção tudo é desencadeado em prol de aprisionar o homem e retirar qualquer possibilidade de emancipação por meio da mercantilização dos bens culturais. Na atualidade, a mera sensação de prazer e divertimento perante determinadas leituras proclama caráter palatável e mercadológico da indústria cultural, guiada por interesses econômicos da gigantesca maquinaria de serializar a arte, já que as obras de caráter reflexivo são vistas como nocivas para o sistema.

Nesse contexto de massificação da cultura, encontra-se a literatura que, enquanto objeto cultural (assim como o cinema, a música, etc.), também teve o seu potencial simbólico e artístico suspenso pela padronização da indústria por meio de determinadas estratégias mercadológicas. A partir do momento em que o ato de ler é incorporado à maquinaria voltada para a comercialização, ele deixa de atuar como um instrumento de intervenção social e formador do caráter humano, e seus objetivos passam a ser os mesmos de todo o sistema da indústria cultural, ou seja, a promessa de prazer e entretenimento inesgotáveis. Especificamente no âmbito dos livros voltados para os jovens, percebe-se que a condução da dimensão sensível, em especial aquilo que é objeto de apreciação e consumo por parte dos adolescentes, é traçada, muitas vezes, por influenciadores digitais em suas diversas plataformas mediante discursos que tratam a experiência com a obra literária como um mero deleite (LOUREIRO, RAMALHETE, STEN, 2020).

Aqui cabe destacar a contribuição de Horkheimer e Adorno quando os autores fazem referência à usurpação do esquematismo do sujeito, que em tese seria responsável pela percepção do sensível. No caso, ele é abstraído pela indústria cultural, de tal modo que se pode considerar que há uma espécie de terceirização tanto da sensibilidade como da própria racionalidade, com diminuição das possibilidades de elevar a formação, mais próxima da autonomia do sujeito. O que impera, nesse caso, são obras que não exigem nenhum esforço reflexivo. Desse modo,

[...] a função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber,

referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria. O esquematismo é o primeiro serviço prestado por ela ao cliente. Na alma devia atuar um mecanismo secreto destinado a preparar os dados imediatos de modo a se ajustarem ao sistema da razão pura (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 103).

Historicamente, a produção literária para jovens e crianças sempre acompanhou os conceitos de infância e juventude e, conforme a necessidade de cada época, a leitura foi reconfigurada e inserida em diferentes contextos. Atualmente, os *millennials* (nascidos entre a década de 1980 e 2000) conectam-se ao mundo de maneira imediatista através da internet, fazendo com que a escola deixe de ser a única mediadora das práticas de leitura entre os jovens. Dessa maneira, percebe-se o aumento nas vendas de obras que tratam sobre a vida de *youtubers* e demais influenciadores digitais como Felipe Neto, Lucas Neto e Larissa Manoela, conforme a listagem publicada pelo portal PublishNews. De modo geral, essa categoria específica de livros não passa por critérios de análise que levem em consideração a educação literária de qualidade e a formação do leitor, além disso, “sabemos que não se aprende a ler livros difíceis lendo apenas livros fáceis” (COLOMER, 2007, p. 47).

Os conteúdos trazidos por livros de *youtubers*, em geral, são de caráter marcadamente publicitário e mercadológico, no sentido de que não passam de uma propaganda dos próximos livros e demais produtos que serão fabricados com base nos mesmos pilares dos atuais, tais como a destituição de fomento crítico, a padronização de qualquer detalhe que faça prosperar a abstração do sujeito diante de alguma informação e, principalmente, a garantia de diversão e prazer. A publicidade é um dos principais subsídios para a manutenção e extensão de sua mercantilização e do poderio das produções da indústria cultural, uma vez que é por meio da propaganda que o sistema contagia e seduz até mesmo aqueles que não consomem diretamente seus produtos, mas que desejam integrar-se socialmente.

A repetição das temáticas abordadas pelos influenciadores em seus produtos (livros, filmes, séries, etc.) afirmam o caráter cíclico da indústria cultural, que visa a apresentar sempre o mais do sempre mesmo, envolvendo o consumidor em uma ilusão de livre escolha quando, na verdade, “os elementos

irreconciliáveis da cultura, da arte e da distração se reduzem mediante sua subordinação ao fim a uma única fórmula falsa: a totalidade da indústria cultural. Ela consiste na repetição” (ADORNO, 1985, p. 112).

Nesse sentido, evidencia-se a importância de abordar a massificação cultural e sua atuação no desenvolvimento de leitores a partir das obras mais vendidas pelo mercado editorial, explorando ainda se tais livros consumidos pelos jovens configuram-se, de fato, como literatura capaz de potencializar a humanização do indivíduo. As informações sobre a classificação das obras elencadas para análise neste artigo foram retiradas do site *Publish News*. De acordo com tal portal, o livro mais vendido no ano de 2016 foi *O diário de Larissa Manoela: a vida, as histórias e os segredos da jovem estrela*, escrito pela atriz e cantora brasileira Larissa Manoela e publicado pela editora HarperCollins, situada no centro do Rio de Janeiro.

2 O diário de Larissa Manoela: análise do corpus

A analisada obra possui 168 páginas e trata-se de um diário que narra cronologicamente os momentos mais marcantes da vida de Larissa Manoela, desde a infância até a adolescência, contando sobre os seus melhores amigos, seus pais, o início de sua carreira, trazendo ainda listas como os dez cantores favoritos, as dez marcas, as dez comidas, os dez filmes e ídolos favoritos, etc. O primeiro trabalho de sua carreira foi aos quatro anos de idade, no qual Larissa foi convidada para o concurso Top Teen Cultura e, aos seis anos, participou de um comercial da rede de lojas Leader Magazine. Realizou testes para novelas e programas da TV Globo até concretizar o primeiro trabalho na minissérie *Dalva e Herivelto*. Seu primeiro contrato como atriz na televisão brasileira foi em uma série chamada *Mothers*, exibida pelo canal GNT. Aos 11 anos, Larissa Manoela atingiu o papel mais relevante de sua carreira enquanto atriz, considerado o divisor de águas, interpretando Maria Joaquina na novela *Carrossel*, exibida pela emissora SBT. No ano de 2020, a atriz assinou o contrato com a emissora Globo para protagonizar uma novela de época.

O livro é predominantemente marcado pela cor rosa e pela estereotipia. A capa, conforme figura 1.2, é estampada pela foto de Larissa Manoela vestida com

roupas que possuem detalhes marcadamente brilhosos, fazendo jus ao título que a destaca como estrela. No interior do livro, percebe-se a proximidade com um diário, tanto pelo material das folhas quanto pela linguagem impregnada por estrangeirismos, gírias, emojis e demais características oriundas do meio virtual. Embora contenha questões muito fáceis e superficiais, o livro pode ser considerado interativo, já que possui espaços para que o leitor responda às perguntas que Larissa Manoela faz ao longo da obra, como a descrição de algum trauma vivido, o nível da cólica durante o período menstrual, etc. Outro fator que faz com que o leitor se sinta próximo à autora do livro é o fato de conter, em seu interior, um álbum de fotos inéditas da vida de Larissa Manoela, bem como a palavra “segredo” logo no título. As páginas da obra são divididas entre textos e fotos de sua história que complementam e dinamizam a leitura, estabelecendo uma relação complementar entre texto e imagem.

Figura 1 – Capa do livro *O diário de Larissa Manoela: a vida, as histórias e os segredos da jovem estrela*



Fonte: Manoela (2016)

Em *O diário de Larissa Manoela: a vida, as histórias e os segredos da jovem estrela* (2016) ocorre um movimento voltado para a ostentação de objetos caros,

sobretudo no capítulo 16 intitulado “Minhas listas preferidas”. São apresentadas as músicas, os ídolos, os acessórios, os filmes, os aplicativos e as marcas favoritas da atriz, tais como Chanel, Louis Vuitton, Gucci, Dior, Pandora, dentre outras que não são acessíveis para o público leitor pertencente à classe trabalhadora. A atriz compartilha um ideal de infância que não atinge a maior parte da população brasileira e, muito mais que um diário, o livro se assemelha com um manual de instruções da infância e adolescência perfeita, inserindo a idade considerada correta para determinados acontecimentos, como o primeiro beijo e os passos para ter uma carreira profissional perfeita desde criança, afirmando que, desde o princípio, o indivíduo deve viver em função do trabalho. Ademais, a autobiografia da atriz apresenta um ponto ainda mais grave que a ostentação de produtos luxuosos: a adultização de Larissa Manoela enquanto criança e a demonstração das significações socialmente instituídas para crianças do sexo feminino.

Desde sua capa (figura 1.2), o diário da jovem estrela é estampado com uma imagem que expressa a hipersensualização da mulher com o uso de joias, da cor predominantemente rosa, das expressões faciais, dos detalhes marcados por brilhos e estrelas, atendendo aos padrões patriarcais daquilo que se entende por ser mulher: delicadeza, meiguice, inocência. Tais traços revelam a reprodução de determinadas convenções sociais acerca da feminilidade que é traçada desde a infância das meninas que são bombardeadas por diretrizes que as colocam em um lugar de submissão aos meninos, e ditam quais os aspectos considerados ideais em sua aparência estética. As fotos de Larissa Manoela, presentes na obra, apresentam uma normatividade corporal, de uma mulher branca, que a todo o momento é imposta ao gênero feminino, tais como os cabelos compridos, poses calculadas para demonstrar sensualidade, o corpo com curvas, a pele perfeitamente lisa e maquiada. Os aspectos citados podem ser exemplificados pela observância da figura 1.1.

Figura 1.1 – Álbum de fotos de Larissa Manoela

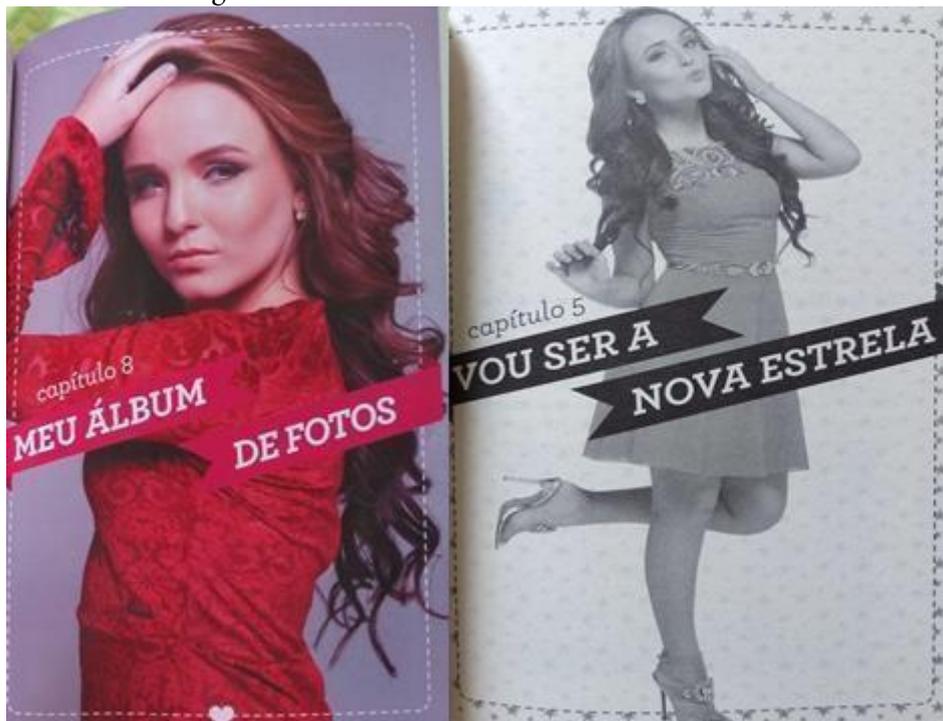


Imagem elaborada pela autora

Fonte: Manoela (2016)

A partir dessas características, percebe-se a hipersexualização do universo infantil e como ela é vendável, uma vez que meninas que leem esse tipo de obra provavelmente passarão o resto de suas vidas em busca do corpo perfeito, submetendo-se a cirurgias plásticas, dietas e produtos estéticos que celebridades recomendam, gerando lucro para o mercado. Essa abordagem adultizada e comercial da infância reforça as perspectivas patriarcais e suas estruturas reguladoras quanto ao gênero feminino, da mesma forma que exhibe meninas como um objeto de desejo e consumo, transformando crianças em vítimas de uma padronização corporal quase inalcançável que assegura a dominação masculina e

[...] constitui as mulheres como objeto simbólico, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi) que tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis (BOURDIEU, 1999, p. 82, grifos do autor).

Os capítulos de *O diário de Larissa Manoela: a vida, as histórias e os*

segredos da jovem estrela são organizados de maneira cronológica e narrados pela própria atriz. Larissa Manoela descreve sua infância na cidade de Guarapuava (PR), suas amigas imaginárias, seu sonho em ser atriz e modelo e suas brincadeiras com bonecas: “Eu amava brincar de boneca. Até aí, tudo bem. Normal. Coisa de menina.” (MANOELA, 2016, p.14). Historicamente, brincar de boneca é coerente à existência da menina, posto que existe um processo de identificação. Por meio da boneca, a menina consegue se identificar com os padrões que lhe são impostos socialmente, objetificando o brinquedo, assim como a mulher é objetificada pelos homens, uma vez que “[...] a menina embala sua boneca e enfeita-a como aspira a ser enfeitada e embalada; inversamente, ela pensa a si mesma como uma maravilhosa boneca” (BEAUVOIR, 2009, p. 267).

Em diversos trechos da obra, Larissa se intitula como uma jovem reservada, focada, comunicativa, comportada e madura: “sempre fui mais comportada. Era a menininha, mocinha” (MANOELA, 2016, p.93), discurso que a sociedade patriarcal sempre espera de mulheres, que sejam comportadas, quietas, cordatas, o que remete à afirmação da filósofa Simone Beauvoir que “ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil. A jovem deverá não somente enfeitar-se, arranjar-se, mas ainda reprimir sua espontaneidade [...]” (BEAUVOIR, 2009, p. 324).

O capítulo 12, intitulado “Cólicas, cólicas e mais cólicas” apresenta as reações de Larissa à sua primeira menstruação, interagindo com o leitor ao questionar “Qual o seu nível de cólica? Leve, tranquilo, favorável ou hard?” e discorrendo sobre os principais sintomas, a duração do ciclo, a idade considerada normal para a primeira menstruação e a reação de seus pais. Na página 116 do mesmo capítulo, por meio de “um discurso meio feminista” - como ela mesma intitula - enumera alguns fatos considerados intrínsecos à natureza da mulher que a transformam em uma batalhadora, tais como: a menstruação, a dor do parto, a amamentação e, por fim, “dedicar sua vida a um filho (essa é a parte da mulher que é linda de se ver, confesso)” (MANOELA, 2016, p. 117). O trecho exhibe uma das construções sociais que são impostas à criança do gênero feminino desde o seu nascimento, como ser forte para suportar dores de um parto e, conseqüentemente, criar um filho, valores que foram construídos historicamente acerca do que é ser mulher: um ser que não é

visto como sujeito, mas como objeto subalterno ao homem, secundário a ele.

No capítulo 13 da obra, nomeado “O amor é liiiiiindo!”, Larissa Manoela oferece conselhos sobre relacionamentos amorosos e conta suas experiências com alguns garotos, bem como suas principais preferências e características em um namoro. Na página 121, a atriz levanta o questionamento “Príncipe encantado existe?” seguido de duas alternativas (sim / não) para o leitor assinalar. Em seguida, ela afirma que acredita na figura do príncipe encantado e que “as mulheres sonham com um príncipe encantado desde criança. A menina tem a Barbie, e o que vem com ela? O príncipe encantado que é o Ken, e você constrói com ele algo que você sonha para o seu futuro” (MANOELA, 2016, p. 121). O ideal romântico defendido no capítulo valida como as estruturas do patriarcado moldam o imaginário infantil de meninas desde muito cedo, orientando-as a serem passivas e viverem suas vidas em prol de encontrar o homem que tanto idealizaram.

Essa abordagem romantizada de um relacionamento, exemplificada na figura 1.11, é feita por meio da construção de um discurso pautado em uma espécie de crença, o que impede não só a racionalidade de um debate acerca do tema, como também uma postura mais crítica de mulheres em relação ao assunto. Tal discurso está presente na tradição oral desde muito tempo, por meio dos contos de fadas que cumpriam uma função didatizante para ensinar os valores de cada contexto social, reproduzindo muitas vezes uma ideologia retrógrada e diversos estereótipos de gênero.

Figura 1.2 - Enquete do livro de Larissa Manoela

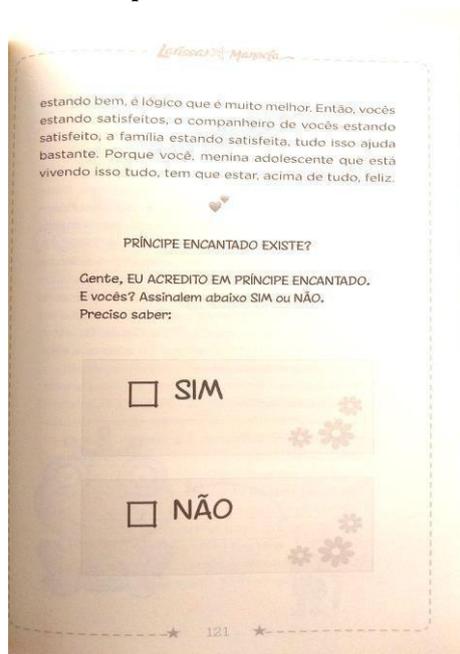


Imagem elaborada pela autora
Fonte: Manoela (2016)

Outro aspecto da obra *O diário de Larissa Manoela: a vida, as histórias e os segredos da jovem estrela* que se aproxima das características dos contos de fada, além da crença na existência de um príncipe encantado, é a repetição de que tudo terá um final feliz, como no trecho a seguir:

Não deixem ninguém atrapalhar, frear, barrar, falar que não é possível, porque vocês são, sim, capazes de fazer os seus sonhos virarem realidade. Claro que vocês têm que fazer por merecer. Se vocês forem simples, boas pessoas, bons filhos, bons alunos e focar nos seus objetivos, eles irão se tornar reais, porque o que seria de nós sem os sonhos? (MANOELA, 2016, p. 156).

A convicção de que sempre é possível alcançar um triunfo mediante o cumprimento de determinados valores morais foi abordada na literatura de meio escolar durante muito tempo, como forma de manter a ideologia vigente. Na presente obra, observa-se uma das tentativas de relacionar bondade a prêmio e, desse modo, mau comportamento a castigo, como observa Colomer (2003) “a moral maniqueísta e dogmática de premiação aos bons e severos castigos aos maus corresponderia ao que Piaget denominaria mais tarde ‘responsabilidade objetiva das ações [...]’” (COLOMER, 2003, p. 66). Tal discurso assemelha-se ao

mesmo adotado nos livros dos *youtubers* Felipe Neto e Luccas Neto acerca da meritocracia, reforçando toda a retórica liberal de que é preciso realizar somente esforços individuais para obter ascensão social, desconsiderando os abismos econômicos entre as classes sociais do Brasil.

Uma das promessas da indústria cultural ao seu consumidor é a sensação de integração. Especificamente no que diz respeito à obra analisada no presente artigo, percebe-se que a escolha do gênero diário é bastante perspicaz por parte da editora HarperCollins para aproximar o destinatário à atriz Larissa Manoela, uma vez que gêneros textuais de caráter confessional, como é o caso do diário, proporciona uma liberdade de escrita muito mais abrangente que em outros formatos e, de tal modo, é possível trazer à tona, com fluidez, temas cotidianos da vida de adolescentes. Assim, o *Diário de Larissa Manoela*, cuja autoria é da própria atriz, traz à tona temáticas como a primeira paixão, os anseios a respeito da escolha de uma profissão, a necessidade de estar envolvido em um grupo, etc. Os relatos cotidianos da celebridade mirim, suas tendências e preferências de moda, bem como os espaços na obra para interação do leitor são artifícios capazes de criar um vínculo empático entre a autora e seus fãs, pois expressam sentimentos frequentemente discutidos e compartilhados em redes sociais por seus pares.

Ao compartilhar seu “mundo” com seus seguidores, Larissa Manoela contribui para transformar adolescentes e crianças em alvos para o sustento do consumo, ditando vestimentas, grifes famosas, brinquedos e demais produtos inalcançáveis para grande parte da classe que vive do trabalho no Brasil, cuja renda média mensal caiu de 1.450 reais em 2020 para 1.353 em 2021, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo o menor valor da série histórica desde 2012. Levando em consideração que uma bolsa da marca de luxo italiana Gucci, uma das favoritas da atriz, custa em média de R\$ 7.280, é indiscutível que o ideal de infância e desejos de posse de Larissa Manoela são discrepantes com o de crianças que vivem, atualmente, em situação de insegurança alimentar.

Sob a égide dos projetos estratégicos do neoliberalismo, como favorecimento da concentração de renda, *uberização* que humilha o trabalhador e cortes em saúde, educação e ciência, em nome de um “estado mínimo”, livros

como os de *youtubers* e webcelebridades contribuem para a superficialidade na concepção do que é literatura juvenil, pois atrasam a formação no sentido de promoção da autonomia e da capacidade de pensar por si próprio, reconhecendo a classe social a qual pertence, uma vez que, segundo estudiosos, “a pertença de cada criança em diferentes grupos, ou num grupo específico, induz suas ações e comportamentos, inclusive os de consumo” (DORNELLES, 2005, p. 90). O consumo incitado em muitas páginas do livro da jovem atriz é algo danoso que institui modismos, evidencia produtos de alto valor, conforma e tenta ajustar os modos corretos e pueris de ser uma adolescente na contemporaneidade, contribuindo para um ideal de mulher como pueril, frágil, comportada. A diversão e os padrões de consumo inatingíveis, citados por Larissa Manoela, desvelam uma característica primordial da sociedade capitalista: tudo é julgado como coisa, tudo se transforma em mercadoria, inclusive o sujeito. A grande maquinaria da indústria cultural “domina e controla, de fato e totalmente, a consciência e inconsciência daqueles aos quais se dirige e de cujo gosto ela procede, desde a era liberal.” (ADORNO, 2009, p. 69).

Considerações finais

O diário de Larissa Manoela: a vida, as histórias e os segredos da jovem estrela caracteriza-se como uma obra vinculada às estratégias mercadológicas de grandes editoras brasileiras e que, portanto, visa a preencher o tempo da juventude com lugares-comuns, personagens estereotipados, sentimentos superficiais que incitam o consumismo e não fomentam a construção de uma autoimagem positiva para o leitor da classe trabalhadora. Nesse sentido, a obra analisada traz uma perspectiva superficial e comercializável de leitura, ou seja, que ela serve somente para o prazer e para reforçar o senso comum e a promessa de que, por meio de esforços individuais, os sonhos serão realizados, idealizando clichês ideológicos tais como o estereótipo de que a mulher deve sempre ser ingênua e recatada. Por ser uma leitura fácil, promove no indivíduo uma falsa ideia de bem-estar social e, conseqüentemente, não suscita nenhum tipo de reflexão crítica e não oferece uma experiência literária de qualidade.

que abarca livros aparentemente sedutores, mas sem conteúdo literário que tenha passado por um crivo avaliativo de qualidade. Andruetto (2017) afirma que:

[...] se falamos de literatura, já não sabemos dizer as características que os uniformizam, pois a literatura, quando é de verdade, é singular, trata de livros que, além de uma peripécia, nos propõem uma experiência de linguagem e um percurso de leitura que os torna únicos (ANDRUETTO, 2017, p. 94).

Percebe-se, portanto, que a narrativa do livro analisado não oferece aspectos que ampliem a experiência literária, como a familiaridade com outros gêneros, além de não dispor de aspectos que contribuam para a capacidade de construir sentidos e novos horizontes sobre a realidade na qual o leitor está inserido. Ainda, a obra da jovem atriz não transporta o jovem no tempo e no espaço, ensinando-o a penetrar em realidades desconhecidas ou até mesmo a interpretar sua própria cultura. Como mercadorias da indústria cultural (ADORNO, 1985), as autobiografias de atrizes e *youtubers* carregam consigo discursos vinculados à publicidade e negam aos seus leitores uma formação progressiva em termos de experiência estética. Adorno e Horkheimer ratificam que:

Tanto técnica quanto economicamente, a publicidade e a indústria cultural se confundem. Tanto lá como cá, a mesma coisa aparece em inúmeros lugares, e a repetição mecânica do mesmo produto cultural já é a repetição do mesmo slogan propagandístico (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 135).

Enquanto o consumidor, na indústria cultural, é visto somente como uma massa sem rosto ou identidade, os produtos elaborados apresentam-se como padronizados a fim de atingir maior aceitação e mercantilização. Diante do exposto, ao retomar às características de *O diário de Larissa Manoela: a vida, as histórias e os segredos da jovem estrela*, percebe-se que há um perfil de uma postura fragilizada da mulher que corrobora para a manutenção do patriarcado; o fomento ao consumo incessante de mercadorias que reforçam o desejo pelos próximos lançamentos; a ausência de qualquer desconforto diante da leitura, e uma estratégia midiática perversa no sentido de abordar objetos caríssimos (como as marcas citadas por Larissa Manoela) como se fossem acessíveis para

todos os jovens leitores da classe trabalhadora.

Diante desse contexto de constante assédio dos produtos moldados à luz da Indústria Cultural, enfatiza-se a relevância de entender a escola como um campo de resistência e contradição que esteja sempre na contramão do senso comum e, portanto, da homogeneização e conformismo impostos pelo sistema capitalista. Portanto, ressalta-se que é por meio de um ensino contra-hegemônico que se torna possível propiciar as condições necessárias para a reflexão e atuação crítica diante do saber sistematizado, garantindo que jovens leitores possam superar a visão de senso comum, uma vez que “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 1995, p. 17).

Como citar este artigo?

SILVA, Taynara Batista da. Indústria cultural e hipersexualização da mulher: uma análise da obra *O diário de Larissa Manoela*, de Larissa Manoela. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 21, n. 01, p. 381-396, 2022.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*. 5. ed. Seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida traduzido por Juba Elisabeth Levy... [et al.]. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 70 p.

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. 2. ed. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANDRUETTO, María Teresa. *A leitura, outra revolução*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. 207 p. Tradução de Carmem Cacciacarro.

ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Edições Sesc, 2017. 168 p. Tradução Newton Cunha.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 809 p. Tradução Sérgio Milliet.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 158 p.

INDÚSTRIA CULTURAL E HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER: UMA ANÁLISE DA OBRA O DIÁRIO DE LARISSA MANOELA, DE LARISSA MANOELA

DORNELLES, L. V. *Infância que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis: Vozes, 2005.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações*. 9 ed., Campinas, Autores Associados, 2005.